

Considerações sobre o conceito de *stasis* na obra de Flávio Josefo

Vicente Dobroruka

Professor de História Antiga, Universidade de Brasília

Doutorando em Teologia, Wolfson College, Oxford

É muito comum ouvir-se, como crítica ao historiador judeu helenizado Flávio Josefo, a idéia de que ele não teria feito mais do que imitar - mal - os historiadores gregos, em especial Tucídides. Contribuem para o caráter das críticas o extenso anedotário oriundo da biografia de Josefo (fornecido, ironicamente, por ele mesmo), e um desprezo velado pelo mundo intelectual do Oriente Próximo helenístico. Este artigo não pretende desfazer tal quadro, muito menos constituir-se em apologia quanto ao uso inteligente que Josefo fez do instrumental historiográfico grego (ainda que esta seja a opinião pessoal do autor). Pretendo apenas discutir um tema específico dentro do repertório explicativo de Josefo para entender a guerra contra Roma, o uso que o historiador faz do termo grego *stasis* (*stasij*), e mesmo assim com ênfase num dos *topoi* preferidos de Josefo, o do confronto entre radicais e moderados¹.

Quando tratamos do empréstimo de conceitos na obra de Josefo, sempre vem à tona a noção de que ele usou “secretários” que o ajudaram a compor a *Guerra dos judeus*. Mas o próprio Josefo estava bem a par da cultura grega - embora certamente não tanto a ponto de escrever, sozinho, algo estilisticamente comparável às obras de Tucídides ou Políbio -, e isso explica em parte as marcas que os autores gregos clássicos deixaram no texto de Josefo².

O uso do termo *stasis* em Tucídides assume inequivocamente o caráter de “sedição”, “convulsão popular” ou, de modo menos correto, “guerra civil”³. Exemplos mais antigos

¹ As idéias deste artigo são, em parte, desenvolvimentos de uma comunicação apresentada pelo autor no simpósio nacional da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC), em Ouro Preto, agosto 2001, com o título “Jovens e velhos, radicais e moderados: comentário sobre um tema comum a Josefo e Tucídides”. No entanto, muitas das idéias defendidas pelo autor naquela oportunidade foram modificadas ou aprofundadas deste então, em especial graças às sugestões de Steve Mason, Martin Goodman e Jonathan Price.

² Tessa Rajak. *Josephus*. London: Duckworth, 1983. P.23. Isso remete à idéia de que, dada à predileção aparente de Josefo por Tucídides, o “secretário” ou “secretários” que o ajudaram na redação final deveriam ter a mesma preferência, como sugere Thackeray. Penso que, na falta de uma prova conclusiva quanto ao volume da assistência recebida por Josefo na redação, essa é uma suposição fútil.

³ No Liddell-Scott médio (*An Intermediate Greek-English Lexicon, Founded Upon the Seventh Edition of Liddell and Scott's Greek-English Lexicon*. Oxford: Oxford University Press, 2001 [primeira edição 1889]), são dadas as seguintes definições: em sentido amplo e mais antigo no idioma, *stasis* significava “posição”, “posição de quem está em pé”. Por extensão passou a significar também “condição”, “estado de

no uso do termo encontram-se em Heródoto (*ἐμφυλίου στάσις*, “guerra civil interna”, nas *Histórias*. 8.3), Xenofonte (*Memoráveis*. 4.4; 4.6); Lísias (25.26; 30.13) e Sólon (4.19), numa lista não-exaustiva. De todo modo, o termo mantém constância de significado até o início da guerra em 67 - notando-se a ambigüidade abaixo apenas com relação aos eventos posteriores⁴.

Em Josefo, por extensão, passa a significar a ação maligna de um determinado grupo do tecido social hierosolimitano sobre uma população indefesa, enquanto que em Tucídides o termo implica antes uma degeneração coletiva da *politeia*, análoga a uma doença que toma conta de todo o corpo⁵:

*Pois os líderes de facções nas várias cidades usavam, em cada lado, nomes atraentes - falando em “igualdade para todos sob a lei” e em “governo sábio e moderado pelos melhores”, e enquanto lisonjeavam o interesse público, na verdade faziam dele o seu prêmio, e usando todos os meios procuravam tirar vantagem uns dos outros e perpetravam as piores atrocidades*⁶.

Josefo, por outro lado, não enxerga a *stasis* como algo que afete o corpo político como um todo, mas algo que ele identifica especificamente como um atributo dos alucinados rebeldes que, a despeito do bom senso e dos sinais divinos, insistiram na guerra contra Roma⁷. Josefo refere-se aos rebeldes como *stasiastai*, como se constituíssem um grupo distinto da população em geral - o *demos*. Exemplos desse tratamento da questão encontram-se na *Guerra dos judeus* 2.620; 4.128; 6.363 ss.⁸). É notável, nesse sentido, o discurso que Josefo coloca na boca de Tito em BJ 6.338 ss, no qual o benevolente romano atribui aos desvairados revoltosos a responsabilidade pelas calamidades que assolaram a

conservação”; “grupo” ou “seita” de filósofos; no sentido que nos interessa aqui, “sedição”, “discórdia”. “Guerra civil” não consta como possibilidade mas infere-se dos contextos em que o termo surge, nas passagens discutidas no presente artigo. Deve-se tomar cuidado com essa tradução, no entanto, pelo fato de nem sempre situações de extrema degradação da comunidade política resultarem em confronto civil aberto.

⁴ Embora não concorde integralmente com as conclusões de Jonathan Price, boa parte da discussão que se segue deve às conclusões anunciadas em seu *paper* apresentado em 2001, no colóquio internacional sobre Josefo realizado na Universidade de York, Toronto, Canadá “Flavius Josephus and Flavian Rome”, maio 2001. Uma vez que o *paper* citado ainda não está disponível na Internet nem foi impresso, sou imensamente grato ao autor, que o enviou a mim em correspondência pessoal. O nome da comunicação é “*Stasis in Josephus*”, daqui para frente apenas Price, SJ.

⁵ Id. *ibid.*

⁶ Tucídides. *História da Guerra do Peloponeso*. 3.82.

⁷ Price, SJ.

⁸ Por conveniência, adotarei as seguintes abreviações: *Guerra dos judeus*, BJ; *Antigüidades judaicas*, AJ; *Autobiografia*, V (de *Vita*); e *Contra Apião*, CA.

Judéia⁹. Um tratamento superficial da questão faz os *stasiastai* tornarem-se sinônimos de “tiranos”, um dos insultos preferidos de Josefo para os revoltosos: no entanto, os dois termos permanecem distintos na obra do historiador judeu¹⁰.

Em latim o termo **stasij** é traduzido, com precisão, por *seditionis*; não por acaso surge em CA 2.68 relacionado a tumultos em Alexandria. É possível também que à época de Josefo estivesse ocorrendo um alargamento no uso do termo, de vez que sua utilização no Novo Testamento também é mais abrangente do que nos autores clássicos. Exemplos disso são o episódio envolvendo Barrabás em Lc 23:19; Mc 15:7. Em At 19:40 o *grammateus* adverte que a cidade, caso incorra na *stasis*, será possivelmente alvo da ira dos romanos. A disputa entre judeus e cristãos em At 15:2 é também qualificada de *stasis*, bem como as diferenças entre fariseus e saduceus em At 23:7. Paulo é acusado por Félix de incitar os judeus de todo o mundo a *stasis* (At 24:5). Por oposição a essa multiplicidade de citações no NT, a LXX somente usa o termo uma vez, em Pr 17:14, como tradução do hebraico *riv*, “conflito interno”¹¹.

Deve-se ter em conta que, além do seu uso “tucididiano”, o conceito de *stasis* surge também noutras referências da obra de Josefo, nas *Antigüidades judaicas*, na *Autobiografia* e no *Contra Apião*. Um rápido exame de algumas dessas passagens mostra como Josefo procurou moldar, em termos acessíveis ao leitor grego, diversas passagens bíblicas¹². Dt 19:14, referência aos limites do terreno de cada vizinho, é relida em termos de *stasis* em AJ 4.225; a cobiça de Sara pelo Faraó poderia causar comoção política, *stasis* (AJ 1.164); o próprio Abraão fugiu de Ur, segundo Josefo, em função da *stasis* que suas opiniões científicas e filosóficas causaram naquela cidade (AJ 1.281). A sedição de Korah contra Moisés é um dos temas bíblicos preferidos em termos do uso do conceito de *stasis* por Josefo (AJ 4.13; 32). Entre as coisas que Moisés implora a Deus como bênçãos sobre Israel, Josefo o faz pedir a ausência de *stasis*, numa oração extrabíblica (AJ 4.294-295).

⁹ Convenientemente, Tito, à maneira do herói típico tal como imaginado por Aristóteles - e, portanto, modelo familiar ao público grego -, abstém-se dos excessos da *hybris*, exatamente o oposto do que fazem os revolucionários. A análise de Louis Feldman (*Josephus's Interpretation of the Bible*. Berkeley / Los Angeles / London: University of California Press, 1998. Pp.461-489) sobre o tratamento dado por Josefo aos heróis bíblicos, em especial a Sansão, aprofunda esse tópico.

¹⁰ Martin Goodman. *A classe dirigente da Judéia. As origens da revolta judaica contra Roma, 66-70 d.C.* Rio de Janeiro: Imago, 1994. Pp.201-202.

¹¹ Price, SJ.

¹² O trabalho notável surgido nos últimos anos a lidar com este e muitos outros temas na obra de Josefo é o livro de Feldman, citado anteriormente.

O atribulado período da monarquia unificada também vê o uso do conceito por Josefo: *stasis* relaciona-se ao problema entre David e Shemei (2Sm 19:23; AJ 7.265); Deus também garantiu a Salomão a ausência de *stasis* de seu reinado (AJ 7.337; 372).

Em Tucídides, o contexto em que se dão a discórdia e falência da coesão política é, em contrapartida, totalmente leigo¹³:

*Quando vejo estes jovens sentados aqui atendendo ao apelo desse homem, sinto medo; e faço um contra-apelo aos mais idosos, se algum estiver sentado ao lado de qualquer deles, para não se envergonharem de parecer covardes se não votarem pela guerra e, embora este possa ser seu sentimento, para não mostrarem um apetite mórbido pelo que está fora de seu alcance, cientes de que poucos sucessos são obtidos pela paixão, mas muitos pela ponderação [...]*¹⁴

Assim falou Nícias na tentativa de exortar os atenienses a desistirem da conquista da Sicília, preconizada pelo ambicioso Alcibíades e fadada ao fracasso pelo gigantismo de seu projeto. O trecho compõe um dos mais famosos discursos de Tucídides; a idéia geral da oposição entre a sensatez da velhice oposta à ambição escandalosa da juventude encontrará paralelo na *Guerra dos judeus* de Josefo. Todavia, para o historiador judeu a oposição, sob muitos aspectos semelhante à do historiador grego, se dará não entre dois grupos definidos em termos de faixa etária mas entre radicais e moderados. Em Tucídides, pelo contrário, é o próprio tecido político da cidade que se rompe, na medida em que os sucessores de Péricles não estão à sua altura e dão vazão a todos os desvarios da massa urbana¹⁵. Sobre esse tema é interessante notar ainda o paralelo entre Péricles e Moisés nas *Antigüidades judaicas*: Josefo apresenta um Moisés admirável pelas mesmas razões que Tucídides faz a apologia de Péricles, ou seja, pelo fato dele ser um hábil condutor e crítico das massas, ao invés de se deixar conduzir por elas (AJ 4.328)¹⁶.

As apropriações da obra de Tucídides por Josefo são muitas e de natureza muito variada. Na verdade, o historiador da Guerra do Peloponeso parece ter sido, em termos gerais, o autor mais apreciado na Antigüidade dentro de seu gênero. O recurso aos

¹³ Esta última afirmativa talvez seja algo precipitada, levando-se em conta a indissociabilidade entre religião e política na cidade - o episódio da mutilação das estátuas e o processo de Sócrates bastam para nos recordar disso. Quero apenas deixar claro que Tucídides não enxerga o componente divino como elemento ativo na degradação da politeia ateniense, quando a questão da ofensa a Deus é pedra de toque em toda a argumentação de Josefo para explicar o caos da liderança em Jerusalém.

¹⁴ Tucídides. *História da Guerra do Peloponeso*. 6.13.

¹⁵ Idem, 2.65. Cf. Jacqueline de Romilly. *História e razão em Tucídides*. Brasília: EDUnB, 1998. O tema é especialmente caro à análise de Rajak, op.cit. p.90 ss.

¹⁶ Feldman, op.cit. p.177.

discursos de personagens em especial foi amplamente imitado, sendo encontrado praticamente em todos os historiadores antigos¹⁷. Em linhas gerais, a explicação de Josefo para a guerra coloca ênfase, do ponto de vista da apresentação formal do seu texto, nos pecados e excessos dos revoltosos. Uma leitura cristã posterior faria dessa constatação a glória das passagens em que se faz menção a Jesus Cristo na obra de Josefo¹⁸; mas não é isso o que Josefo tem em mente. Para ele, os “crimes” dos revolucionários dizem respeito, essencialmente, ao derramamento de sangue nas dependências do Templo.

Um paralelo importante entre as concepções de Tudídides e de Josefo quanto à radicalização política como causa e simultaneamente conseqüência da falência da coesão política da cidade encontra-se no episódio em que os moderados corcíreus são engolidos pelos radicais¹⁹:

Tais foram os excessos de crueldade a que a revolução levou, e eles pareceram ainda mais brutais porque foram os primeiros a ocorrer [...] Com efeito, em tempo de paz não teriam pretexto nem ousadia para pedir a intervenção, mas agora que as duas alianças estavam em guerra, cada facção nas várias cidades, se desejava uma revolução, achava fácil recorrer a aliados, para de um só golpe fazer mal aos adversários e fortalecer sua própria causa.

Josefo retoma o tema em BJ 2.320, quando dos tumultos subseqüentes à entrada em Jerusalém das tropas de Gêssio Floro em junho de 66, logo depois da reação judaica à sua tentativa de utilizar dinheiro do Templo¹⁹:

Os sacerdotes principais, enquanto isso, tendo reunido o povo em assembléia no templo, exortavam-no a encontrar os romanos que vinham, e a saudá-los com cortesia para evitar um desastre irremediável. O partido favorável à guerra recusou-se a escutar esse conselho, e a multidão, influenciada pela memória dos mortos, inclinou-se pela política mais agressiva. Então todos os sacerdotes [...] caíram de joelhos e imploraram à multidão que preservasse [os vasos sagrados do Templo], e que impedissem seu saque pelos romanos [...]

¹⁷ Segundo Frank William Walbank, Cratipo e Pompeius Trogus são as únicas exceções entre os historiadores antigos (cf. *Speeches in Greek Historians. The Third J.L.Myres Lecture*. Oxford: Blackwell, /s.d./ p.1 ss.).

¹⁸ O chamado *Testimonium Flavianum* (AJ 18.63-64); a questão da autoria das passagens por Josefo é incerta e constituiu, na verdade, uma das grandes questões de crítica nos primórdios dos estudos “modernos” da Antigüidade. Apenas a título de referência, cf. John Meier. *Um judeu marginal*. 2 vols. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

¹⁹ Cf. também BJ 2.442; 4.158.

Os crimes dos revolucionários aparecem descritos de forma bastante desagradável: o assassinato dos ricos que engoliram suas jóias para evitar seu confisco é considerado por Josefo como o episódio individualmente mais monstruoso entre todos os eventos da guerra; o cúmulo dos crimes dos rebeldes é, entretanto, a profanação do Templo, com o derramamento de sangue humano em seu interior²⁰. Outro exemplo do uso do termo *stasis* para Josefo é sua atribuição a Jesus filho de Safias, incentivador da dissensão civil (V 134). A ocorrência mais pitoresca, contudo, encontra-se em AJ 18.21, em que Josefo atribui aos essênios a idéia de que a presença de mulheres traria a *stasis* para dentro da comunidade. Em algumas oportunidades a *stasis* é identificada com o fratricídio ou com as dissensões domésticas e familiares que toda guerra civil traz consigo.

Todavia, o uso de trechos de Tucídides por Josefo e um paralelo entre explicações historiográficas são pouco para justificar o tema deste paper. Josefo utiliza, afinal, muitos outros autores clássicos²¹. Aqui o uso do conceito grego por Josefo torna-se problemático, enquanto que em Tucídides o mesmo termo revela-se totalmente lógico; o historiador grego adota um modelo hipocrático de entendimento do funcionamento do corpo político, como vimos acima (que supõe que as doenças ocorrem em função de um desequilíbrio corporal interno), enquanto Josefo as imagina como punição divina - logo, externa - pelo pecado²².

O tema do radicalismo da liderança ateniense surge em Tucídides essencialmente vinculado à figura dos demagogos, em especial ao arrivismo de Alcibíades que, em sua carreira espetacular, encarna as contradições e limites da Atenas democrática e imperialista do séc.V; não emerge do quadro composto por Josefo nenhum líder rebelde de estatura semelhante. Convém notar que Ananus é chamado por Josefo, em BJ 4.210; 319-321, de líder do *demos*; igualmente, o tratamento dado por Tito a Simão bar Guiora é relativamente honroso, uma vez que ele foi poupado para execução durante o triunfo, em Roma (BJ 7.19). É significativo que Tucídides também considere a pulverização do poder por vários indivíduos (“poliarquia”) um dos fatores que levam a *stasis* (*História da Guerra do*

²⁰ BJ 7.260-264.

²¹ Para uma relação parcial do uso de autores clássicos em BJ, cf. a “Introdução” de Henry Thackeray à edição da Loeb Classical Library da *Guerra dos judeus*, pp.XVII-XIX (Cambridge / London: Harvard University Press, 1928-1997). É de se assinalar o paralelo entre Josefo e Tucídides no que diz respeito à queda de Jotapata (semelhante à recepção ateniense do fracasso da expedição siciliana, BJ 3.432; Tucídides 8.1) e no discurso de Herodes aos seus soldados após o terremoto de 31 a.C. (BJ 1.373; Tucídides 2.60 ss.) e ainda Georg Misch. *A History of Autobiography in Antiquity*. 2 vols. London: Routledge and Kegan Paul, 1950).

²² Goodman, op.cit. pp.108-109. Josefo fala de uma “doença” na Judéia após o ano 6, que levou os ricos a oprimir as massas e as massas a saquearem os ricos (BJ 7.260-1).

Peloponeso. 6.72); tampouco devemos esquecer o segmento social do qual emerge Alcibíades, a juventude dourada ateniense, à qual tudo (ou quase tudo) é permitido, podendo-se identificar nela comportamentos que conduziriam à degradação maior do tecido social (o caso da vandalização das estátuas, no qual Alcibíades esteve implicado, é exemplo eloqüente)²³.

De todo modo, Josefo e Tucídides partilham outra crença além de imputarem a responsabilidade pelo desenvolvimento da guerra a grupos extremistas: a idéia de que por trás dos eventos aparentes há causas profundas em operação. Também aqui Josefo mostra-se um eco confuso de Tucídides: embora os insultos sobre os rebeldes de Jerusalém sejam semelhantes aos juízos de Tucídides sobre os incapazes líderes de Atenas, o historiador grego sabe que Alcibíades, Cleon e Nícias, em toda a sua inabilidade, são produtos típicos da cidade; Jacqueline de Romilly toca na questão ao dizer que “aparentemente as pessoas simples, em toda e qualquer democracia, correm o risco de se sentir atraídas por uma vulgaridade que lhes parece familiar e alentadora”²⁴. A tentativa de Josefo isentar parcelas significativas dos judeus da responsabilidade na guerra - ou seja, em atribuir a “vulgaridade democrática” a certos grupos ou indivíduos particulares, e não ao *demos* de Jerusalém como um todo - resulta por sua vez desastrosa e pouco convincente. Uma possível explicação para essa discrepância talvez resida no peso do elemento religioso como motivador da revolta e animador da guerra entre os judeus, elemento virtualmente ausente do texto de Tucídides²⁵.

Um modo de encaminhar nossa discussão acerca dos paralelos entre o entendimento do radicalismo político em Tucídides e Josefo reside na análise da influência, em termos literários, dos autores gregos em geral e de Tucídides em particular. Nesse sentido, mais do que indicar mera cópia ou o uso despudorado de temas clássicos gregos por assistentes pouco inspirados, os paralelos podem mostrar um Josefo entusiástico com a cultura grega, e em especial com a tragédia²⁶. Em Tucídides, a idéia de que a *História da Guerra de*

²³ Claude Mossé. *O processo de Sócrates*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989. P.21 ss.

²⁴ Jacqueline de Romilly. *Alcibíades ou os perigos da ambição*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. P.25 ss. *Os cavaleiros*, de Aristófanes, trata exatamente dessa “vulgaridade democrática” (126-145, onde sucedem-se na cidade, de acordo com um oráculo, um mercador de estopas, um de carneiros, e por fim um salsicheiro; este último não possui qualquer instrução).

²⁵ É de se notar aqui o peso das formulações religiosas para o entendimento dos fatores econômicos ligados à eclosão da guerra. Cf. Shimon Applebaum. “Josephus and the Economic Causes of the Jewish War” in: Louis Feldman e Gohei Hata (eds.). *Josephus, the Bible and History*. Detroit: Wayne State University Press, 1989.

²⁶ Para tal, é especialmente importante o artigo de Jonathan Price, “Drama and History in Josephus’ BJ” (*paper* apresentado na sessão de 1999 do seminário da SBL sobre Josefo, York University, Toronto; disponível em <http://www.josephus.yorku.ca/links-articles.html>); é um artigo especialmente útil, embora

Peloponeso foi concebida como uma tragédia teve em F.M. Cornford um de seus grandes defensores, embora como tese geral à idéia não tenha ganho aceitação universal²⁷. A aproximação entre historiografia e tragédia, no que diz respeito ao peso de Tucídides na obra de Josefo leva ainda à das relações entre ambas quanto aos diálogos, que muitos já afirmaram serem equivalentes ao diálogo entre protagonista e coro²⁸, e nos afastaria do tema central deste artigo.

Josefo, como fazem habitualmente os historiadores antigos, serve-se do próêmio de sua obra para esclarecer os pontos de vista que adotará na análise propriamente dita dos eventos. Dessa forma, a insensatez e crueldade do radicalismo judaico são contrastados com a benevolência romana em BJ 1.27:

Descrerevi o tratamento brutal dispensado pelos tiranos a seus compatriotas, e a clemência dos romanos quanto a uma raça que lhes é estranha [...] Farei distinguir os sofrimentos e calamidades do povo, culminando em sua derrota, como sendo atribuíveis respectivamente à guerra, à sedição [thj stasewj] e à fome.

De todo modo, os grandes “vilões” de Josefo não têm a sutileza psicológica dos demagogos de Tucídides; entre os personagens de Josefo, os poucos que mostram perfis sofisticados e cheios de nuances são aqueles envolvidos com Herodes e sua corte, sendo de se destacar aí o espartano Euricles e o filho conspirador de Herodes, Antípatro; mas nenhum deles tem participação direta nos eventos que conduzirão a 67. Ficamos com personagens muito mais simplórios para os eventos diretamente ligados à guerra, aos quais corresponde uma caracterização igualmente simplória, como Simão bar Guiora, Justus de Tibérias, Ananus ou Eleazar ben Yair²⁹.

Em suma, a utilização do conceito de *stasis* por Josefo, bem como sua caracterização dos líderes radicais favoráveis à guerra colaboram para a construção de um quadro muito

detenha-se no enredo trágico com que é apresentada a saga da família de Herodes em sua sucessão dinástica (BJ 1.431 ss.). Entre os diversos estudiosos que trilharam esse caminho deve-se destacar Louis Feldman. “The Influence of Greek Tragedians on Josephus” in: Asher Ovadiah. *Hellenistic and Jewish Arts: Interaction, Tradition and Renewal*. 1998. Pp.51-80; há ainda uma tese doutoral sobre o assunto, à qual não tive acesso, que tem recebido os maiores elogios (Honora Chapman. “Spectacle and Tragedy in Josephus’ *Bellum Judaicum*”. Stanford University, 1998).

²⁷ *Thucydides Mythistoricus*. 1907. Cit. por Price, “Drama and History”.

²⁸ Michael Grant. *The Ancient Historians*. New York: Charles Scribner’s Sons, 1970. P.92.

²⁹ É de se notar aqui que a caracterização de Herodes deve, num grau hoje impossível de se definir precisamente, muito ao que dele escreveu seu secretário particular Nicolau de Damasco, autor de uma *História universal* hoje perdida mas amplamente utilizada por Josefo. Eleazar mostra grande capacidade de argumentação em seu discurso de Masada, mas a artificialidade retórica do episódio é inegável e, se mostra sutileza psicológica, o faz quanto a Josefo e não quanto ao suposto autor do discurso.

mais complexo e confuso do que o que Tucídides nos oferece. Josefo sabe e mostra, em diversas passagens de BJ, que o radicalismo dos rebeldes por si só não explica a guerra contra Roma. Por outro lado, em Tucídides temos uma reflexão qualitativamente mais sofisticada quanto à natureza da vida política e quanto à razão de ser do expansionismo ateniense. Em Josefo os rebeldes, por mais que estejam caracterizados à moda da *Guerra do Peloponeso*, têm de dividir com outros fatores étnicos, políticos, religiosos e econômicos o fardo da guerra. Entre esses fatores, o econômico recebeu atenção especial dos analistas modernos em suas relações com o conceito de *stasis*. A sedição pode estar relacionada aos conflitos de classe em BJ 7.260-1³⁰, ou em AJ 20.179³¹. Segundo Josefo, a diferença entre ricos e pobres nunca é superada, nem mesmo quando ambos encontram-se em situação de carência total - BJ 5.439;527-30;567;6.112.

Como conclusão, devo dizer que o conceito de *stasis* tal como aplicado em Josefo tem a sua matriz clara na obra de Tucídides (o que não é novidade) mas seu uso torna-se especialmente confuso por parte de Josefo, uma vez que as implicações hipocráticas do modelo original - i.e. o entendimento da falência da coesão política como consequência de um desequilíbrio interno da cidade - perdem-se em Josefo, para quem o desmoronamento da vida pública dos judeus ao tempo da revolta é, antes de tudo, resultado de seu fracasso religioso como povo eleito de Deus. Os usos do conceito de *stasis* na obra de Josefo fora da *Guerra dos judeus* apresentam-se ainda mais surpreendentes, porém muito esparsos para que se possa incluí-los num padrão geral. Todavia, o termo surge com especial insistência relativo a Moisés e às tribulações internas que ele experimenta para conduzir os hebreus rumo à Canaã. Surge ainda relacionado à sucessão de David, mas com menos importância do que seria de esperar, tudo indicando que, fora de BJ, o uso do conceito por Josefo é comum e que deve-se à comodidade que tal uso representaria para o autor, uma vez que era conceito bem conhecido do seu público-alvo.

³⁰ Goodman, op.cit. p.26.

³¹ Para Rajak, este é o único uso claro do termo *stasis* relacionado a conflitos de classe em toda a obra de Josefo, o que não o impede de tocar no assunto por outros meios. Cf. Rajak, op.cit. p.33